

Cinética da Paisagem e Adaptabilidade

Marluci Menezes¹

1) Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Portugal

marluci@lnec.pt

Resumo

Com o objetivo de compreender a relação entre processos socio-espaciais de adaptabilidade e a constituição de paisagens urbanas que se assumem por uma qualidade cinética, interessa-nos encontrar caminhos que permitam captar e compreender as questões associadas à adaptação, à flexibilidade, à resistência e à diversidade. Discute-se sobre alguns micro-processos sociais de constituição de espacialidades urbanas cinéticas onde, através de uma gestão de recursos mínimos, a sociedade responde às suas necessidades, adaptando-se continuamente ao contexto, contribuindo assim para a constituição de uma paisagem dinâmica e flexível, adaptável aos contornos de um quotidiano que se reflete enquanto paisagem cinética. Como inspiração desta reflexão consideram-se determinadas espacialidades informais relacionadas com a realidade urbana cabo-verdeana.

Palavras-chave: paisagem, cinético, adaptabilidade, espacialidades

1. Introdução

Com o objetivo de compreender a relação entre adaptabilidade socio-espacial e processos de constituição de paisagens urbanas com uma qualidade cinética, julga-se importante encontrar caminhos que permitam captar e compreender as questões associadas à adaptação, à flexibilidade, à resistência e à diversidade. Esta perspetiva remete para um interesse mais amplo de investigação sobre como as dinâmicas de adaptabilidade e constituição de paisagens cinéticas, podem inspirar perspetivas de intervenção urbana mais adequadas e adaptadas aos contextos. De carácter mais específico, o presente argumento é apenas um contributo para uma reflexão futura e mais aprofundada sobre esta temática. Pelo que, ao revisitar a informação recolhida no âmbito de um trabalho anteriormente realizado em contextos urbanos informais da Cidade da Praia / Ilha de Santiago e de Sal Rei / Ilha da Boa Vista, em Cabo Verde, discute-se a articulação entre as dinâmicas sociais de adaptabilidade e a constituição de paisagens urbanas cinéticas.

2. Adaptabilidade e cinética urbana: breve enquadramento de conceitos

Os estudos sobre a adaptabilidade humana têm como foco analisar como as pessoas se acomodam aos problemas ambientais específicos. Isto é, interessa conhecer como o ambiente é alterado pelas pessoas e adequado aos fins estabelecidos pelas mesmas (Moran, 2010). Todavia, a complexidade com que as dinâmicas de adaptabilidade humana se

MENEZES, M. (2013). Cinética da Paisagem e Adaptabilidade. Atas do IX Congresso Português de Geografia, 28 a 30 de Novembro, Évora, pp. 39-44. ISBN 978-972-99436-6-9 (Disponível em www.apgeo.pt)

manifestam, exige que seja também analisada à luz de outras questões, tais como a pobreza, o acesso à terra, a saúde (etc.), enfim, o “acesso diferenciado aos recursos em decorrência de idade ou sexo, e pela relação entre sectores sociais e interesses político-económicos” (Moran, 2010: 86).

Para Couto (2010), a adaptabilidade é uma capacidade que depende do potencial de respostas que um organismo complexo detém para se ajustar ao processo de interação com o meio, e daí resulta o princípio de que a sociedade é um sistema adaptativo complexo. O autor discute a sociedade rural cabo-verdeana, considerando que para melhor conhecê-la interessam três dimensões: incerteza, adaptabilidade e inovação. Ainda que Couto se reporte à sociedade rural cabo-verdeana, como as três dimensões realçadas pelo autor se refletem em diversos domínios do social e do económico – como é o caso dos modelos de habitação, de constituição dos agregados familiares e de formação do sistema produtivo, etc. –, estas são convocadas para pensar alguns aspetos da sociedade urbana naquele país. Segundo o autor, a adaptabilidade é a capacidade da sociedade em fornecer respostas às variações do ambiente, permitindo assim a salvaguarda da sua sobrevivência e o seu desenvolvimento. Mas, numa conjuntura de incerteza e escassez de recursos, a adaptabilidade manifesta-se através de uma gestão dos recursos mínimos que habilita as pessoas a inventarem – e inovarem – a “margem de manobra” necessária para sobreviverem e se desenvolverem. A capacidade (ou mesmo a incapacidade) de inovação estaria, neste sentido, relacionada com a possibilidade (ou não) de acesso aos recursos mínimos por parte das pessoas, sendo influenciada “pela incerteza do contexto, pela adaptabilidade das instituições e pela (in)disponibilidade para as inovações em um pano de fundo de uma economia do incerto” (Couto, 2010: 433).

Portanto, se considerarmos que “a paisagem urbana é a materialização mais imediata e momentânea da vida social” (Ortizoga, 2010: 1), poder-se-ia também considerar que as dinâmicas de adaptabilidade ao meio urbano contribuem para a construção de uma paisagem cinética, sobretudo ao ter presente as táticas de sobrevivência e de desenvolvimento acionadas pelas populações urbanas pobres.

A ideia de paisagem cinética é uma adaptação do que Mehrotra (2010) considera por “cidade cinética” e que define como aquela que quotidianamente se adapta e ajusta às necessidades e recursos disponíveis. O termo cinético possibilita captar as imbricadas relações entre as cidades formal e informal, permitindo ultrapassar as relações de oposição mais habitualmente associadas a estas duas cidades (Menezes, 2013). A cidade cinética é flexível e híbrida, em constante transformação e movimento, por contraposição ao que sucede na “cidade estática” da Arquitetura, com materiais e forma urbana mais permanentes. A fábrica física da cidade cinética reflete uma natureza temporária e em constante reinvenção, sendo a sua silhueta física composta por materiais provisórios e reciclados. A percepção da cidade cinética distingue-se daquela construída relativamente a cidade estática: enquanto a primeira é percebida a partir de uma característica tridimensional e em continuado movimento, a segunda é percebida a partir de uma perspetiva bidimensional e, em muito ligada à Arquitetura, aos mapas e aos monumentos. Assim, a percepção da cidade cinética não depende da Arquitetura, mas sim dos espaços, valores e suportes de vida, onde as modalidades de ocupação e as espacialidades criadas

MENEZES, M. (2013). Cinética da Paisagem e Adaptabilidade. Atas do IX Congresso Português de Geografia, 28 a 30 de Novembro, Évora, pp. 39-44. ISBN 978-972-99436-6-9 (Disponível em www.apgeo.pt)

são o que mais influem nas suas formas e nas percepções das pessoas. Daí a “paisagem de rua” expressar o sentido cinético de que fala Mehrotra (2008, 2010).

3. Inventando a paisagem urbana cinética: adaptabilidade e espacialidade

No contato com a realidade urbana cabo-verdeana chama a atenção o progressivo acelerar da ocupação cinética do território urbano. A paisagem que reflete a cidade informal é cinzenta e pontuada por barracas constituídas por materiais provisórios que, mediante a capacidade social de adaptabilidade, exploração e gestão dos recursos mínimos, vão sendo, pouco a pouco, substituídas por blocos de cimento sobrepostos, muitas vezes, sem fundações ou estruturas de suporte. Medina Nascimento (2009: 1198), por exemplo, narra o crescimento urbano da Cidade da Praia do seguinte modo: “uma cidade cinzenta e de contrastes, que cresce a duas velocidades: por um lado, o crescimento formal lento e desajustado, instalado principalmente nos planaltos com localizações privilegiadas junto à orla marítima e, por outro, o crescimento informal rápido e descontrolado, instalado principalmente em áreas teoricamente inconstrutíveis”.



Figura 1 – Adaptabilidade e espacialidades: elementos de configuração da paisagem urbana

A cidade informal desenvolve-se por entre encostas, vales e leitos de rios que inundam na época das chuvas e que ciclicamente voltam a secar. Sem a chuva, constroem-se barracas e inventam-se espacialidades que se refletem como paisagem cinética. Com as chuvas, muita da informalidade construída é levada pelo movimento das águas.

Na cidade informal, escasseiam as infra-estruturas básicas tais como água, luz, saneamento e vias de acesso. Escasseiam os serviços e os equipamentos tais como a escola, o posto médico, os transportes, pelo que, no processo de adaptação ao meio, através de táticas de sobrevivência e sustentabilidade, a população pobre inventa serviços inovadores para responder as suas necessidades (Menezes, 2013). Escasseia, contudo, o trabalho formal. A economia informal sustenta a cinética do (sobre)viver urbano na contemporaneidade da cidade, onde a necessidade de explorar e gerir recursos mínimos inventa espacialidades, adaptadas aos contextos, aos recursos existentes e ao momento.



Figura 2 – Paisagem: adaptabilidade na evolução da forma urbana e criação de novas espacialidades

A silhueta da cidade informal define-se em conformidade com a iniciativa espacial do habitante (Menezes, 2013a; Segaud, 2009, 2010), e de acordo com a sua capacidade de adaptação e gestão de recursos mínimos, noções como flexibilidade, diversidade e cinética são úteis para compreender as espacialidades continuamente (re)inventadas. A título explicativo, consideremos que na evolução das formas urbanas dos contextos habitacionais em discussão existiriam três momentos-chave (Drumond, 1981; Menezes 2013a), designadamente: (1º) implantação dos abrigos precários; (2º) transformação dos abrigos em barracas; (3º) construção sólida. Da observação dos contextos e, em especial, das espacialidades que se vão inventando e adaptando, salientam-se os seguintes aspectos:

- [1º momento] As espacialidades criadas remetem para espaços de circulação e depósito de materiais, são pouco expressivas em termos das sociabilidades e de extensão de atividades de lazer e económicas, são áreas expectantes e de oportunidades várias.
- [2º momento] A sua configuração é ténue, embora identifique uma apropriação mais evidenciada do espaço, sobretudo do espaço próximo da habitação, onde se observam iniciativas de demarcação entre os espaços privado/público (ex. com muros, canteiros e bancos), entre atividades domésticas e económicas alternativas/informais; o espaço exterior mantém-se como área de circulação, mas esta função passa a combinar-se com outras, verificando-se o acentuar das dinâmicas de sociabilidade, bem como o surgimento de novas funcionalidades.
- [3º momento] Neste momento, observa-se uma maior consolidação da casa que, assim, ganha uma maior expressividade no território, bem como o acentuar das iniciativas de demarcação e privatização dos territórios próximos da casa, notando-se que as sociabilidades tendem a realizar-se na proximidade da casa ou de um serviço.



Figura 3 – Paisagens de rua na cidade formal: adaptabilidade e cinética urbana

MENEZES, M. (2013). Cinética da Paisagem e Adaptabilidade. Atas do IX Congresso Português de Geografia, 28 a 30 de Novembro, Évora, pp. 39-44. ISBN 978-972-99436-6-9 (Disponível em www.apgeo.pt)

Todavia, as espacialidades que se vão criando extravasam a cidade informal e penetram na cidade formal, participando assim da invenção de paisagens de rua que, produzidas mediante um processo contínuo de adaptação ao meio, refletem-se como paisagens urbanas cinéticas.

4. Notas finais

Para efeito de discussão da articulação entre adaptabilidade e paisagens urbanas cinéticas, considerou-se por adaptabilidade a forma como as pessoas se acomodam ao meio ambiente, alterando-o de modo a que o mesmo se adeque às suas finalidades (Moran, 2010). Tendo presente o contexto cabo-verdeano, considerou-se ainda que a adaptabilidade é a capacidade das pessoas em fornecerem respostas às variações de um meio ambiente condicionado pelas questões da escassez de recursos e pela incerteza, assim garantindo a sobrevivência e o desenvolvimento. Na sequência do raciocínio de Couto (2010), considerou-se que, naquela sociedade, a adaptabilidade está intimamente relacionada com a capacidade de explorar e gerir recursos mínimos, numa lógica de economia do incerto. Considerou-se ainda que o processo de adaptabilidade infere flexibilidade, diversidade, hibridismo e transformação continuada do meio, contribuindo para a criação de paisagens cinéticas. Por paisagem cinética entendeu-se, no seguimento do que refere Mehrotra (2010) sobre a cidade cinética, uma paisagem que infere flexibilidade e diversidade, que reflete as dinâmicas sociais de adaptabilidade aos contextos, sendo porquanto uma paisagem temporária, cuja fábrica física é produzida por materiais provisórios. Neste sentido, considerou-se a “paisagem de rua” como aquela que melhor reflete o sentido cinético da paisagem, já que a percepção da cidade cinética estaria sobretudo associada aos valores e suportes de vida que moldam os processos de ocupação do espaço, inventando espacialidades que influenciam as formas urbanas, mas também as percepções sociais do espaço. Esta perspectiva de abordagem permitiu-nos enquadrar alguns dados empíricos, entretanto recolhidos em trabalho anteriormente realizado em contextos urbanos informais cabo-verdeanos. Nesta perspectiva, destacou-se algumas características do processo de adaptação ao meio, focando em particular a diversidade, a flexibilidade e o sentido transformador com que as pessoas produzem espacialidades urbanas que, entretanto refletem-se como paisagens cinéticas.

As questões introduzidas nesta reflexão não pretendem tomar a cidade informal, nem tão pouco a paisagem que a enquadra, como modelos a serem reproduzidos pela intervenção e desenho urbanos, nomeadamente quando é sabido que o sentido original da ideia de cidade informal se relaciona com os desiguais modos de distribuição e acesso aos recursos urbanos. A cidade informal deve antes ser tomada como fonte de inspiração, já que introduz a flexibilidade, a diversidade e a possibilidade de adaptação continuada ao meio, condições nem sempre fáceis de garantir na cidade formal. Isto é, ao invés de se centrar a atenção numa mera intervenção de aprovisionamento de recursos, o que interessa é compreender e trabalhar com as táticas e inovações que as populações pobres desenvolvem. Isto porque a cidade cinética tem sobretudo a ver com a invenção de recursos autóctones que dizem respeito a uma “estratégia de sobrevivência – muitas vezes uma estratégia sustentável” (Mehrotra, 2010). Aqui, sobretudo interessa compreender a

MENEZES, M. (2013). Cinética da Paisagem e Adaptabilidade. Atas do IX Congresso Português de Geografia, 28 a 30 de Novembro, Évora, pp. 39-44. ISBN 978-972-99436-6-9 (Disponível em www.apgeo.pt)

adaptabilidade ao meio e as paisagens que a partir deste processo são criadas, como uma das formas possíveis de restituir a iniciativa das pessoas à produção da paisagem urbana.

5. Bibliografia

Couto C F (2010) *Incerteza, Adaptabilidade e Inovação na Sociedade Rural da Ilha de Santiago de Cabo Verde*. FGC/FCT, Lisboa.

Drumond D (1981) *Achitectes des favelas*. Dunod, Paris.

Medina N J (2009) As relações entre o crescimento urbano e os sistemas de gestão e de planificação da cidade da Praia em Cabo Verde. Atas 1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde, Cidade da Praia.

Mehrotra R (2008) Negotiating the estatic and kinetic cities. The emergent urbanism of Mumbai. In Durham N C (ed.) *Other Cities, Other Worlds: Urban Imaginaries in a Globalizing Age*. Duke University Press, London: 205-218.

Mehrotra R (2010) Foreword. In Hernández F et al (ed.) *Rethinking the Informal City – Critical Perspectives from Latin America*. Berghahn Books: New York: ix-xiv.

Menezes M (2013a) Entre as formas de ocupação informal da cidade e o (re)pensar das práticas de urbanismo: contributos de uma antropologia do espaço. Atas do 2º CIHEL, LNEC, Lisboa.

Menezes M (2013) Lo potencial inexplorado de la cinética urbana en la creación de infraestructuras y servicios innovadores. In Espinosa J E (coord.) *Infraestructuras Urbanas en América Latina: gestión y construcción de servicios y obras públicas*. IAEN, Quito: 33-50.

Moran E F (2010) *Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica*. EDUSP, São Paulo.

Ortigoza SAG (2010) As paisagens urbanas no mundo do consumo: suas imagens e representações. *Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. ISBN 978-85-99907-02-3 Porto Alegre. [Acedido a 20 de agosto de 2013]. www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho.

Segaud, M (2009) Espace. In Stébé J B, Marchal H (ed.) *Traité sur la ville*. Presses Universitaire de France – PUF, Paris.

Segaud, M (2010) *Anthropologie de l'espace: Habiter, fonder, distribuer, transformer*. Armand Colin, Paris.